

## PATRIMÔNIO CULTURAL: A MATERIALIDADE DOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS E PRIVADOS-CONFESSONIAIS DO CAMPO DE PELOTAS-RS

LUCAS DE SOUZA PEDROSO<sup>1</sup>; MAURO DILLMANN TAVARES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lucas.souzapedroso@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – maurodillmann@hotmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Os cemitérios ocidentais, hoje, podem ser vistos como símbolos da morte humana e da memória, e encarados como produções construídas socialmente por diferentes grupos humanos. Geram ritos de culto à morte numa dinâmica intrínseca à religiosidade. Além do mais, a partir dos vestígios fúnebres, é possível perceber transformações culturais da sociedade, tal como o modo de encarar a morte em seu tempo.

No Brasil, as necrópoles da forma como conhecemos na atualidade, chegam somente em meados do século XIX com os cemitérios oitocentistas extramuros influenciados pelo movimento higienista vindo da Europa. E mesmo nesse momento de transição, os sepultamentos, antes realizados nos interiores das igrejas, passaram a ser realizados em locais abertos, arejados, distantes dos centros urbanos. Nesse cenário, o trato com a morte se modifica gradualmente (REIS, 1991).

Atualmente é possível encontrar uma gama crescente de trabalhos acadêmicos de áreas distintas que se voltam aos estudos sobre cemitérios, com possibilidades de estudos que vão ao encontro das construções tumulares, símbolos funerários, aspectos artísticos, expressões étnicas e/ou religiosas, etc. (CARVALHO, 2015).

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento do projeto de pesquisa *Cemitérios do campo: história, patrimônio e religiosidade*, coordenado pelo professor Mauro Dillmann. Nele é coletado informações a respeito dos cemitérios no município de Pelotas-RS que estão afastados da zona urbana da cidade, em vista de não se encontrar trabalhos com esse recorte, em contraponto aos cemitérios centrais.

Além disso, busca-se investigar os possíveis sentido patrimoniais desses cemitérios, uma vez que existem diferentes formas de relação dos sujeitos do campo com suas necrópoles. Dentro dessa perspectiva utilizamos o conceito de patrimônio como uma categoria de pensamento, como aponta José Reginaldo Gonçalves numa perspectiva antropológica: “pensar os patrimônios como sistemas de relações sociais e simbólicas capazes de operar uma mediação sensível entre o passado, o presente e o futuro” (GONÇALVES, 2015, p. 216).

Por fim o recorte conceitual estabelecido para esse trabalho visa a apontar duas classificações possíveis para os cemitérios identificados até o momento: os cemitérios públicos e os cemitérios privados-confessionais.

## 2. METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia do trabalho, empregamos visitas nos locais (saídas de campo), a fim de realizarmos a pesquisa, que passa a ser ordenada em um banco de dados com informações como identificação, localidade, fundação, principais características físicas, confissão religiosa, comunidade étnica, construções tumulares, manifestações e expressões presentes no espaço fúnebre dos cemitérios. Para isso foi realizado uma série de fotografias, bem como a elaboração de uma ficha de campo para coletar as informações acima citadas (HERBERTS; CASTRO, 2011). Com essas informações montamos um acervo, cuja organização é feita por localidade e por outros elementos como características fúnebres, epitáfios, ornamentos e simbologias, tipos de construções tumulares, presença de edifícios como igrejas e salões de festa ou suas ausências. Em relação às imagens, organizamos as fotografias em pastas a partir de algumas categorias, tais como: túmulos, símbolos e ornamentos, imagens/fotografias dos mortos, epitáfios, vistas panorâmicas dos cemitérios, edificações ao redor e fachadas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

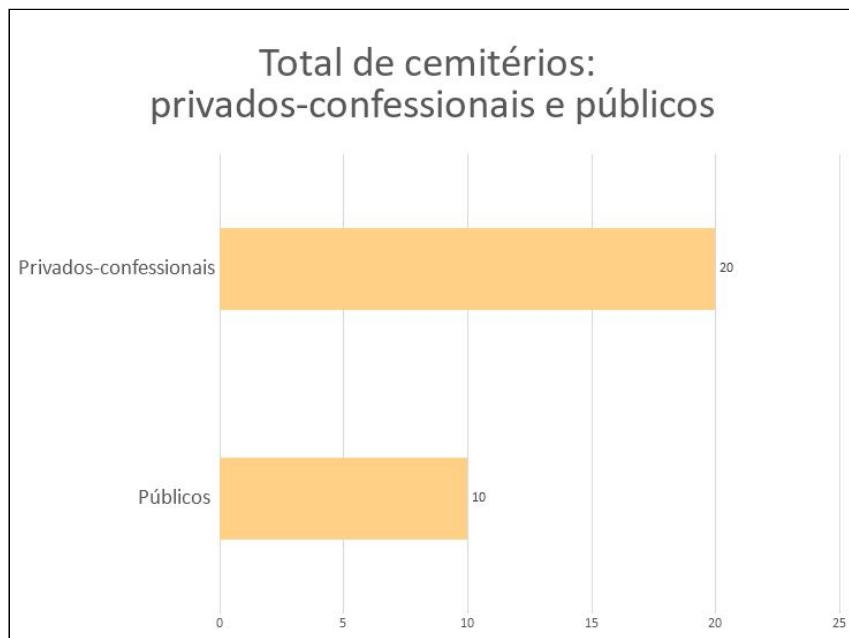


Figura 1

Como resultado do desenvolvimento do projeto, até o momento, levantamos dados e organizamos um acervo com trinta cemitérios e suas informações. Dentre esses identificamos vinte como cemitérios privados-confessionais e dez como cemitérios públicos (ver figura 1). Distingue-se os cemitérios privados-confessionais como aqueles que pertencem a comunidades religiosas específicas, como o caso de cemitérios vinculados a um espaço com edifício religioso (igreja), salão para confraternização, geralmente com identificação e aparente preocupação com a preservação dos espaços cemiteriais. Enquanto que os públicos possuem aspecto de abandono, por estarem geralmente localizados em terrenos irregulares topograficamente, com vegetação abundante e sem reparos, e, muitas vezes com evidências de deterioração devido às ações do tempo. Ainda assim, percebe-se que mesmo

nestes cemitérios públicos, aparentemente abandonados, foram realizadas inumavações na última década, fatores que a pesquisa constatou ao analisar as datações presentes nos túmulos.

A classificação entre cemitérios públicos e privados-confessionais perpassa pelas diferenças entre esses cemitérios. Para os primeiros constatamos não ser possível atribuir uma única identidade (seja étnica, religiosa, social, etc), por possuírem elementos que apontam para diferentes ritos religiosos e fúnebres, bem como distintos grupos étnicos. Por outro lado, nos cemitérios privados-confessionais identificamos a presença de grupos unitários, sendo possível apontar identidades específicas das comunidades detentoras daqueles espaços fúnebres, como os luteranos, os anglicanos, os católicos, ou então, os italianos ou alemães, ressaltando identidades religiosas e/ou étnicas.

Teoricamente utilizamos autores que vão ao encontro da discussão a respeito do patrimônio. No debate atual sobre o patrimônio de bens culturais e históricos, destacam-se aspectos que conjugam os elementos imateriais e materiais. De forma sucinta, possíveis signos do patrimônio cultural, segundo Gonçalves, “expressam ou representam a “identidade” de grupos e segmentos sociais” (GONÇALVES, 2015, p. 213). Contudo, essa é uma lente pela qual pode ser vista o patrimônio e existem outras possibilidades.

O autor citado anteriormente dispõe do conceito de patrimônio como uma categoria de pensamento, ou seja, apesar de haver uma preocupação em preservar a “identidade”, ofício, prática ou expressão por meio de um reconhecimento público enquanto patrimônio, existe uma relação mais profunda entre os seres humanos e seus meios, um processo ao qual não se limita a conceitos mais “visíveis” como o caso de “identidade”. Dessa forma indica Gonçalves quanto ao patrimônio como categoria de pensamento

Trata-se, antes, da forma como esses povos e grupos se situam em suas relações com a ordem cosmológica, natural e social, preocupados em interagir com as diversas entidades do universo: os deuses, os mortos, os antepassados, os parentes, os vizinhos, os animais, as plantas etc. Do ponto de vista de suas cosmologias, eles existem individual e coletivamente na medida em que fazem parte dessa extensa rede de relações de troca. (GONÇALVES, 2015, p. 214).

A partir dessa ótica podemos elencar os cemitérios da zona rural de Pelotas como um bem patrimonial para os sujeitos aos quais pertencem, pois existem relações de trocas simbólicas de vivências sociais, de ritos religiosos, bem como a preocupação em preservar a memória da sua história, de modo que fica evidente na materialidade funerária. Elementos como epitáfios, fotografias dos familiares, construções tumulares, adornos, simbologias que constroem uma narrativa de profunda relação dessas comunidades segundo cosmologias específicas de cada uma delas.

#### 4. CONCLUSÕES

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa, que se encontra em andamento, existem cemitérios a serem visitados ainda dentro do município de Pelotas. A pretensão do projeto é localizar os demais cemitérios, incluí-los no acervo, ampliando o quadro da investigação.

Simultaneamente, ao levantar esses dados realizamos a ordenação em forma de acervo e conceituamos a pesquisa com base teórica no conceito de patrimônio justaposto aos cemitérios.

Até o momento possuímos um acervo organizado, a partir do qual criamos algumas categorias de análise. Uma delas é o de cemitérios privados-confessionais, vinculados a determinada comunidade religiosa. Entre estes: dezesseis de confissão luterana, três de confissão católica e um de confissão anglicana. Em contrapartida, dentre os cemitérios de caráter público identificamos um total de dez. Esses apresentam ritos de múltiplas manifestações de culto. Dois deles são relacionados a comunidades quilombolas.

Por fim, o trabalho teve a intenção de contribuir com o desenvolvimento da história do município, sobretudo no recorte limite dos cemitérios, bem como evidenciar os cemitérios rurais relacionados ao debate acadêmico a respeito de bens patrimoniais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Ed. especial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 290 p.

BLUME, Sandro. **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: recortes do cotidiano**. São Leopoldo: Oikos, 2015. 292 p.

BELLOMO, Harry R. (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 278 p.

CYMBALISTA, Renato. **Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002. 191 p.

HERBERTS, Ana Lucia; CASTRO, Elisiana Trilha. **Cemitérios no caminho: O patrimônio Funerário ao longo do caminho das tropas nos campos de Lages**. Blumenau: Nova Letra, 2011. 363 p.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 360 p.

### Tese/Dissertação/Monografia

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **História e arte funerária dos cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888-2014)**. 2015. 548 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

### Artigos

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 28, nº 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015.